

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

MYRIA XAVIER DA SILVEIRA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA:
A DIMENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM PELA RELEITURA DE UMA CANÇÃO**

Belo Horizonte

2019

MYRIA XAVIER DA SILVEIRA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA:
A DIMENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM PELA RELEITURA DE UMA CANÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof^a. Débora Mariz

Belo Horizonte

2019

S587p
TCC

Silveira, Myria Xavier da, 1970-

Práticas de letramento na EJA [manuscrito] : a dimensão social da linguagem pela releitura de uma canção / Myria Xavier da Silveira. - Belo Horizonte, 2019.

37 f., il.

Orientadora: Débora Mariz

Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e anexo.

1. Educação. 2. Alfabetização de adultos 3. Linguagem e educação. 4. Educação musical.

I. Mariz, Débora. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD- 374.012

Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário[†]: Albert Torres CRB6 - 2582



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO TRIGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA: a dimensão social da linguagem pela releitura de uma canção”, do(a) aluno(a) Myria Xavier da Silveira. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Débora Mariz (orientador) Alexandre Gomes Soares. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 6,0, conceito 3. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretária do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A, de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Myria Xavier da Silveira
Myria Xavier da Silveira

Registro na UFMG: 2018752531

Débora Mariz
Débora Mariz
Professor(a) Orientador(a)

Alexandre Gomes Soares
Alexandre Gomes Soares
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

RESUMO

Este estudo realizado em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, apresenta um Plano de Ação que tem como objetivo favorecer o reconhecimento dos educandos da Educação de Jovens e Adultos - EJA como sujeitos socioculturais atuantes e agentes de múltiplos letramentos. Para isso foi desenvolvida uma sequência didática por meio de atividades de leitura para análise do discurso e da produção de fanzine para a expressão espontânea e democrática dos temas discutidos em sala de aula, tendo como referência a letra de uma canção que realça o diálogo entre a realidade cotidiana dos educandos e o contexto sociocultural e histórico no qual estão inseridos. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, de abordagem sociocrítica e do conceito de letramento como prática social, considerando a pluralidade de saberes e o uso da linguagem não só pelo seu elemento cognitivo, mas também pelo seu caráter social, histórico e político. Dentre as contribuições teóricas estão Arroyo (2005), Brandão (1999), Paulo Freire (1989), Libâneo (2005), Magalhães (2005), Pineau (2012), Magda Soares (2006), autores cujas ideias norteiam a base metodológica das atividades desenvolvidas durante as aulas.

Palavras-chave: EJA. Letramento. Linguagem. Diversidade Cultural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO.....	10
2.1	A DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS COMO CONTEXTOS FORMADORES.....	10
3	A ESCOLA E OS EDUCANDOS.....	14
3.1	UMA SALA DE AULA PARA A EJA	14
4	JUSTIFICATIVA.....	16
5	OBJETIVOS.....	18
5.1	OBJETIVO GERAL.....	18
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
6	DESENVOLVIMENTO.....	19
6.1	ETAPAS DO PLANO DE AÇÃO.....	19
6.2	DEFINIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	19
6.3	DESCRIÇÃO DA AULA 01.....	20
6.4	DESCRIÇÃO DA AULA 02.....	27
7	ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO.....	31
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Como profissional que atua em uma biblioteca escolar da Rede Municipal de Educação, a participação em 2018, no Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica – LASEB, que é resultado de uma parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – SMED/BH, tornou-se oportuna, frente ao anseio em aprimorar e atualizar minhas reflexões e práticas pedagógicas de letramento, por meio de uma formação continuada na área de concentração da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A Análise Crítica da Prática Pedagógica – ACPP é a disciplina central dos cursos do LASEB, que tem como metodologia promover a ação reflexiva através da atuação do profissional-educando, na elaboração e na efetivação de planos de ação a serem realizados nos contextos escolares em que atuam, sendo de extrema relevância para o reconhecimento da natureza especializada do trabalho docente com jovens e adultos.

Este reconhecimento exige um compromisso individual e coletivo para o desenvolvimento de ações educativas que dialoguem com as vivências e com os saberes desses sujeitos-educandos. Pois, considerar suas experiências e trajetórias é imprescindível para que se realize um aprendizado que lhes proporcione melhores condições de participação e atuação, nos espaços e nas práticas sociais que envolvam a leitura e a escrita.

Sendo assim, o texto desta pesquisa inicia-se por uma narrativa autobiográfica que procura ilustrar como a natureza individual e coletiva do nosso processo de formação, se tornam importantes fontes de aprendizagem para (re)orientar e ressignificar a nossa identidade e a nossa trajetória como sujeito e como profissional docente.

Nos tópicos 3 (três) e 4 (quatro) seguintes, ao descrever o perfil dos educandos, a escola, e a comunidade em seu entorno, fica evidente como a trajetória da EJA é constantemente marcada pela violação dos seus direitos. Essa evidência é percebida pela maneira pejorativa que esses educandos, por serem moradores de periferia, muitas vezes são vistos e nomeados pela sociedade, refletindo a forma negligente que o Estado vem tratando essa modalidade de ensino no decorrer tempo.

Portanto, ao refletirmos sobre a nossa realidade, caracterizada por uma ampla diversidade cultural, mas também fortemente marcada por uma grande desigualdade social, considerando a trajetória escolar e as oportunidades de acesso aos bens socioculturais, negligenciados ou negados a esses sujeitos de direito, podemos constatar que, diante de um processo histórico de exclusão, essas condições geram a eles grandes prejuízos

relativos às oportunidades, incentivos, acesso e permanência na escola, na maioria das vezes reduzindo a sua autoestima, atuação e participação social.

Dessa forma, a partir do tópico 5 (cinco), é proposto um Plano de Ação que tem como objetivo favorecer o reconhecimento dos educandos da EJA como sujeitos socioculturais atuantes e agentes de múltiplos letramentos. Essa proposta busca não só ressaltar o uso da linguagem como um lugar de mediação nas diversas situações sociocomunicativas, como também superar a lógica tecnicista e utilitária do ensino propositalmente descontextualizado, que pouco considera a contribuição dos conhecimentos que esses educandos trazem consigo para os ambientes de aprendizagem.

Para isso, foi desenvolvida a partir do tópico 6 (seis), uma sequência didática que tem como referência a releitura de uma canção brasileira, consagrada originalmente como uma canção de protesto e atualmente com a sua versão rap como uma expressão de resistência, que dialoga com os elementos constitutivos da linguagem e da realidade da periferia urbana, cotidiana desses educandos.

A utilização da canção poema, além de possibilitar aos educandos a expressão das suas emoções, é um importante recurso para promover a participação destes, de forma interativa e dinâmica nas reflexões sobre suas vivências e sobre o seu papel social como sujeitos históricos, de saberes e de cultura; como também, para ampliar a percepção sobre a pluralidade de saberes presente nos textos literários e as possibilidades que uma leitura crítica pode nos proporcionar para um maior entendimento sobre nós mesmos e sobre o mundo do qual fazemos parte.

As atividades de leitura para a construção de sentido abrangeram as áreas de Língua Portuguesa, História e Arte de forma interdisciplinar, e resultaram na confecção de fanzines elaborados como uma forma de expressão genuinamente autoral sobre os temas retratados e discutidos, abrindo espaço para aulas dialogadas, pensadas a partir da valorização do sentido coletivo, contestador, inovador e democrático da linguagem e da cultura popular.

Os resultados, que estão relacionados no tópico 7 (sete), mostraram-se satisfatórios pela forma significativa e atuante em que os educandos se envolveram com as atividades, o que veio a estimular a educadora a usufruir coletivamente dos aprendizados obtidos, na intenção de retomá-los posteriormente em sala de aula, em atividades pedagógicas para a aquisição da leitura e da escrita.

2 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

2.1 A DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS COMO CONTEXTOS FORMADORES

A representação que cada um de nós faz da sua trajetória de vida deixa claro que as impressões deixadas pelas nossas vivências, e que persistem ao longo do tempo, são aquelas que, na maioria das vezes, influenciam concretamente nas nossas mais variadas escolhas. Toda história individual, apesar de ser muito subjetiva, é também uma construção coletiva pois, cada experiência de vida irá ter uma conexão direta com o contexto cultural, político, econômico e social na qual se está inserido.

De acordo com Dilthey (1988) citado por Pineau e Le Grand (2012),

O indivíduo, em sua existência particular que repousa nela mesma, é um ser histórico. Ele é determinado por sua posição na linha do tempo, pelo lugar que ele ocupa no espaço, por sua situação na cooperação dos sistemas culturais e das comunidades... (DILTHEY apud PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 65).

Revelar as experiências e histórias de vida que compõem a nossa identidade é revelar as nossas crenças e valores, dentro de um espaço de interlocuções construído nas relações sociais. Essa compreensão é que nos fornece a possibilidade de reinterpretar a nossa trajetória e de (re)significar a nossa realidade empírica.

A partir desse entendimento e como educadora, que acredita na escola como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da linguagem que repensa e atribui sentido à realidade e à prática social, é que me proponho à esta construção narrativa, para relatar o percurso vivenciado desde a minha infância – escolar e extraescolar – até o momento presente. Cabe aqui destacar a significativa experiência como educanda na Educação de Jovens e Adultos, que foi de extrema relevância para o processo de formação da minha identidade e atuação pedagógica e profissional.

As experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, a priori ou a posteriori, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se. O ponto de referência das aquisições experienciais redimensiona o lugar e a importância dos percursos educativos certificados de formação aprendente, ao valorizar um conjunto de atividades, de situações, de relações, de acontecimentos como contextos formadores. (JOSSO, 2004, p. 235)

Nasci em uma família de baixa renda econômica, mas, apesar das dificuldades

financeiras, meus pais eram bastante amorosos. Filha primogênita de uma prole de cinco irmãos, fui concebida no dia vinte e cinco de julho de 1970, na cidade de Montes Claros no norte Minas, um dia após minha mãe ter chegado para visitar a minha avó, pois meus pais moravam na cidade de Salvador.

Meu pai tinha como formação escolar o antigo primeiro grau (equivalente ao Ensino Fundamental atualmente) e minha mãe tinha estudado até a quarta série primária (atual quinto ano do Ensino Fundamental). Já estávamos morando em Belo Horizonte, quando ela começou a trabalhar fora para complementar a renda familiar e eu, que estava com oito anos de idade, fazia todas as tarefas domésticas e cuidava das duas irmãs que já eram nascidas. As mulheres começavam cada vez mais a ingressar no mercado de trabalho, enquanto o Estado continuava indiferente, sem assegurar nenhum atendimento em creches ou em pré-escolas, o que era privilégio para poucos. E entre nós, não se ouvia falar em “Educação para Todos” e muito menos em Escola Integrada.

Portanto, no meu “Cantinho Feliz” não havia muito tempo para a “sementinha” aqui, desfrutar da “importância do brincar”. Quando tinha tempo, o que me distraía eram os livros, jogos e quebra-cabeças que eu ganhava todo Natal, de uma tia distante. Mesmo ainda sem saber ler, apreciava as ilustrações, imaginando e inventando histórias que contava para minhas irmãs. Acredito que o meu gosto pela leitura e pela escrita vem desse estímulo inicial, desse processo informal e lúdico de letramento.

Minha vida escolar teve início em 1979, quando ingressei, de uniforme azul e branco, feito de tergal e comprado com muita dificuldade, na primeira série da Escola Estadual Hermenegildo Chaves. A alfabetização da época era tradicional e baseava-se principalmente na memorização. Para isso utilizava-se várias atividades mimeografadas com o objetivo de se copiar exaustivamente e treinar a escrita; bem como, as cartilhas que continham textos “soltos” e descontextualizados. A leitura ficava em segundo plano e por nossa conta, além de não haver biblioteca disponível na escola.

Após a separação dos meus pais e o segundo casamento da minha mãe - processo muito doloroso para mim - nos mudamos para o município de Contagem, onde terminei o antigo primário na Escola Municipal Joaquim Teixeira Camargos. Lá, ampliei o meu gosto pela leitura por meio dos autores, livros e poemas que me foram apresentados, como por exemplo, “O Menino Azul” - que não era feito de açúcar - de Cecília Meireles; “Memórias de Emília” obra do escritor e “homem do seu tempo”, Monteiro Lobato, que já era conhecida popularmente pela veiculação do programa “O Sítio do Picapau Amarelo”, que eu assistia todas as tardes, pela tevê em preto e branco de nossa casa.

Quando passei para a quinta série (atualmente início do 2º ciclo do Ensino Fundamental) em 1983, fui para a Escola Municipal Avelino Camargos que, em 2016,

passou a ser uma unidade do Colégio Tiradentes, administrado pela Polícia Militar. Portanto, sendo necessário para compor o quadro da escola, que não é totalmente gratuita, ser aprovado em um processo seletivo em que um percentual das vagas é destinado a filhos de oficiais, o que diminuiu o acesso de crianças e adolescentes a frequentarem uma escola próxima à sua residência.

A minha passagem por essa escola aconteceu em um período que foi marcado pelas políticas educacionais efetivadas pelo regime militar, que impunha o civismo na educação e também pela campanha das “Diretas Já”, caracterizada pelos movimentos das ruas, da qual tenho orgulho de ter participado. As várias práticas desse cotidiano escolar tinham características que refletiam entre esses dois períodos, o que é próprio de um período de transição. Muitas dessas práticas foram, e ainda continuam sendo naturalizadas dentro do cotidiano escolar.

Em 1990, após três anos da conclusão do 1º grau (hoje, Ensino Fundamental), reiniciei os meus estudos no Ensino Médio (na época, 2º grau), que foi interrompido algumas vezes, quando tive que optar entre a escola e o trabalho. Nesses momentos, recorria novamente às minhas leituras – técnicas ou literárias - como a única forma de continuar aprendendo, até surgir uma nova oportunidade de dar prosseguimento à minha educação formal. Oportunidade que só encontrei, após a minha evasão do Ensino Regular, para ingressar em um Supletivo (atualmente equivalente à EJA), no horário noturno. Tive muitas dificuldades nessa etapa da minha trajetória escolar. Isso me deixava desestimulada e foram inúmeras as ocasiões em que pensei em desistir. Porém, a minha vontade de aprender e a minha persistência foram maiores.

Depois de terminar o Ensino Médio, fiz uma pausa à contragosto. Então, em 2000, mesmo sem tempo para estudar, resolvi fazer minha inscrição para o curso de Direito em uma faculdade particular, onde fui aprovada, dando início ao meu Ensino Superior. Quando estava no 6º período, tranquei a matrícula e, no ano seguinte, com um novo trabalho, fui para a cidade do Rio de Janeiro.

Retornei em 2011, depois que fui chamada para tomar posse como auxiliar de biblioteca em uma escola da Rede de Ensino da Prefeitura de Belo Horizonte, onde continuo atuando. Devido à minha favorável experiência com os livros, procurei direcionar o meu trabalho para além das atividades administrativas. Enfatizei, junto aos professores, sobre a importância do trabalho pedagógico da biblioteca para colaborar com o processo de ensino-aprendizagem e formação de leitores.

No ano de 2014, fui aprovada para o curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), completando o meu Ensino Superior em 2017. Neste período tive uma formação acadêmica extremamente humana, com conteúdo relevante e atual, onde

conheci muitos pensadores que me inspiraram profundamente. Dentre eles, destaco o educador Paulo Freire, que por meio da lucidez e “boniteza” das suas palavras, sempre estive em sintonia com o universo vocabular da vida e da realidade dos seus educandos, revelando pela sua linguagem o seu posicionamento ético e político.

Atualmente, a continuidade da minha formação acadêmica no LASEB, foi marcada como um espaço de diálogo e de conhecimento alinhado às experiências dos professores-educandos nos contextos escolares. Reflexões e debates comprometidos com a relação ético-afetiva e sociocultural do processo educativo.

Dessa forma, o conhecimento e as experiências sobre os diferentes modos de atuação pedagógica, os diferentes modos de aprender e ensinar, de ser e estar no mundo, tornaram-se na verdade importantes contextos formadores para, mais uma vez, ressignificar e constituir a minha identidade como educadora.

Após essa narrativa autobiográfica, a descrição nos tópicos seguintes, sobre o perfil dos educandos da EJA e tipo de educação que lhes tem sido oferecida, fica claro que a trajetória desses sujeitos-educandos tem sido marcada pela exclusão e pela violação dos seus direitos.

3 A ESCOLA E OS EDUCANDOS

3.1 UMA SALA DE AULA PARA A EJA

A Escola Municipal João Pinheiro, localizada no bairro Alto dos Pinheiros, fica em uma região de Belo Horizonte caracterizada por diversos contrastes sociais. Nessa instituição, a Educação de Jovens e Adultos é oferecida no período noturno, com 06 turmas, no total de aproximadamente 150 estudantes matriculados com a proposta de reinserção escolar. Atualmente, 02 dessas turmas estão sendo atendidas em duas salas, que foram cedidas pela Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, situada no bairro Califórnia, próximo à BR-040 e ao Anel Rodoviário, onde foi realizado o Plano de Ação. Essa parceria tem como finalidade facilitar o acesso e manter a frequência dos educandos, enquanto aguardam - há aproximadamente três anos - a reativação do atendimento no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), na Vila Califórnia.

Essa situação prejudica o envolvimento e a interação entre os outros funcionários da escola e os educandos, que não se sentem pertencentes àquele espaço. Também existe a dificuldade de acesso aos equipamentos de apoio pedagógico, necessário para a diversificação e enriquecimento das atividades propostas, e os educandos não têm acesso aos computadores. A biblioteca escolar possui um mobiliário infantilizado e um acervo literário precário e desatualizado, portanto não muito adequada e pouco atrativa para os educandos. O lanche é enviado pela E.M. João Pinheiro e é feito ali mesmo, dentro da sala, durante as aulas. Dessa forma, apesar de toda a dedicação dos educadores em realizar um trabalho pedagógico de qualidade, o espaço físico é precário e os ambientes são poucos explorados, limitando-se à sala de aula.

Predominam as aulas expositivas e com pouca variação, o que não é questionado pelos alunos, pois muitos ainda têm a ideia tradicional do ensino escolar. Contudo, de acordo com o tempo disponível, os professores procuram criar situações de aprendizagem que vão além da cópia, da memorização e dos exercícios. Nas aulas de Literatura, por exemplo, a professora procura tornar o espaço mais convidativo, organizando as carteiras em um grande círculo, para ampliar a participação e o envolvimento de todos nas atividades.

A turma, que foi selecionada por ter um maior domínio da leitura e da escrita, é composta por aproximadamente 20 educandos, com idade entre 18 e 61 anos, sendo a maioria de jovens. Esses números em sala de aula variavam um pouco, em decorrência de algumas faltas, mas, no geral, os educandos tinham uma boa frequência.

Grande parte deles são trabalhadores que ganham, em média, um salário mínimo e alguns estão desempregados, fazendo “bico” para complementar a renda familiar. Dentre

eles há afrodescendentes, alguns migrantes e mulheres “chefes de família”. Muitos de seus pais cursaram apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Para que esses educandos retomassem aos estudos, foram vários os motivos relatados. Alguns afirmam que voltaram a estudar por maiores oportunidades de trabalho ou para aprender mais e outros para se sentirem mais capazes e confiantes e menos ignorados diante das pessoas.

Além dos motivos pessoais, o ingresso na EJA, na maioria das vezes está relacionado com a busca de uma maior capacitação profissional para entrar ou não sair do mercado de trabalho. É pela necessidade de trabalhar ou pelas “obrigações” que muitos saem da escola e é também pela busca ou manutenção desse trabalho que eles retornam à ela, visando na verdade, melhores condições e qualidade de vida.

4 JUSTIFICATIVA

Apesar do esforço desses educandos em exercer o seu direito humano à educação, que no artigo 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) estabelece que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade...”, foi possível perceber que o contraste social entre a vila e os bairros adjacentes, várias vezes, acarreta por parte de muitos moradores vizinhos um olhar permeado pelo preconceito, em relação aos educandos e à escola que frequentam, como sendo um local pouco “seguro” para se conviver.

A maneira como são vistos ou nomeados, também revela os contrastes socioculturais e econômicos que estão estruturalmente enraizados em nossa sociedade, acarretando a esses educandos, estereótipos associados unicamente à imagem da carência e da marginalização.

Esse modo como a Educação de Jovens e Adultos é tratada pelo Estado, na maioria das vezes, acaba influenciando de forma negativa em suas trajetórias escolares e de vida e conseqüentemente, na maneira como a sociedade civil e eles próprios se veem. Como afirma Arroyo, sobre a história e o lugar social reservado à EJA:

Os olhares tão conflitivos sobre a condição social, política, cultural desses sujeitos têm condicionado as concepções diversas da educação que lhes é oferecida. Os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis... – têm condicionado o lugar reservado a sua educação no conjunto das políticas oficiais. A história oficial da EJA se confunde com a história do lugar social reservado aos setores populares. É uma modalidade do trato dado pelas elites aos adultos populares (ARROYO,2005, p.221).

Por essa razão, associar as práticas pedagógicas de letramento que envolvam os usos sociais da linguagem e que considerem a singularidade, os saberes e as especificidades desse grupo social, exige por parte dos educadores, um direcionamento pedagógico comprometido com as demandas cotidianas e reais desses educandos, onde “o sujeito é pensado em função de suas relações histórico-sociais” (BRITTO, 2004).

Além disso, no decorrer do tempo, foi possível perceber pela observação das aulas e pelas conversas informais, que a literatura no dia a dia de cada um, ocupava um lugar reduzido, apenas para o uso prático, como um complemento para a realização de atividades em sala de aula, ficando despercebida a sua dimensão como prática social.

Portanto, foi necessário também, iniciar um caminho para despertar a atenção desses sujeitos-educandos para a riqueza e possibilidades da linguagem literária que contribui para o desenvolvimento emocional, intelectual, cultural e político de cada um; os

levando a perceber a pluralidade cultural presente na literatura, sem a ideia de sobreposição de uma cultura à outra.

Sendo assim, esse Plano de Ação, em uma turma da EJA, se faz relevante quando pressupõe antes de tudo, o entendimento e o acolhimento da sua diversidade sociocultural, e conseqüentemente da sua diversidade linguística, compreendida não por uma ideia intrínseca de inferioridade, mas como um rico componente de troca de conhecimentos que se entremeiam pelos movimentos da linguagem. Movimentos estes, que são influenciados também, pela cultura popular dos diversos grupos sociais que vêm contribuindo para as muitas inovações da língua, seja dentro ou fora do ambiente escolar.

Esse pressuposto encontra concordância com a ideia de letramento, na sua dimensão social. Segundo Soares (2006, p. 72) “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”. Nesse sentido, o conceito de letramento amplia as ações de leitura e escrita para além da pura decodificação e compreende a linguagem como prática social, por uma abordagem de educação sociocrítica, que de acordo com Libâneo (2005, p. 28), “convergem na concepção de educação como compreensão da realidade para transformá-la, visando à construção de novas relações sociais para superação de desigualdades sociais e econômicas”.

Assim, deve-se considerar a linguagem não só pelo seu elemento cognitivo, mas também pelo seu caráter social, histórico e político que representa as diversas formas de ver, se relacionar e intervir no mundo.

Dessa forma, tendo como referência a letra de uma canção que realça o diálogo entre a realidade cotidiana dos educandos e o contexto sociocultural e histórico no qual estão inseridos, foi desenvolvida uma sequência didática por meio de atividades de leitura para análise do discurso e da produção de fanzine para a expressão espontânea e democrática dos temas discutidos em sala de aula, com os objetivos a seguir.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Favorecer o reconhecimento dos educandos da EJA como sujeitos socioculturais atuantes e agentes de múltiplos letramentos.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apreciar e reconhecer a importância do texto literário para a sua formação humana e para a construção da sua autonomia;
- Incentivar a manifestação das suas emoções e do seu pensamento pela linguagem artística e literária, explorando os recursos e os materiais acessíveis em seu cotidiano;
- Estimular o educando a perceber como a escolha e o uso das palavras e das imagens influenciam na construção dos vários discursos, seja em situações escolares ou extraescolares;
- Incentivar o educando a refletir sobre a sua condição e atuação como sujeito histórico detentor de saberes, de direitos e capazes de intervir na sociedade;
- Proporcionar uma maior interação entre os educandos, a professora e a comunidade escolar.

6 DESENVOLVIMENTO

6.1 ETAPAS DO PLANO DE AÇÃO

- Observação, entrosamento e conversas informais com a turma durante o mês de abril de 2019;
- Realização de uma roda de conversa para identificação de temas de interesse dos educandos;
- Definição da sequência didática;
- Realização de 02 aulas, com duração de duas horas cada.

No primeiro contato a turma, discorri sobre o meu propósito em elaborar um plano de ação para conclusão do curso, minha atuação em uma biblioteca escolar e sobre a minha experiência como ex-aluna da EJA, buscando estabelecer uma certa identificação com os educandos. Na intenção de promover uma relação de colaboração e empatia, procurei não ser invasiva nos momentos de observação. No decorrer desses encontros e conversas, a professora de português e literatura sugeriu-me participar de todas as suas aulas, pois, considerava que estavam mais alinhadas à proposta pedagógica que se pretendia desenvolver, além de dispor os educandos na sala, em um grande círculo, o que favorecia a realização da roda de conversa para escolha do tema e uma maior socialização das sugestões apresentadas (Diário de campo, 09 de abril de 2019).

6.2 DEFINIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Após acompanhamento das aulas e das conversas com a turma e com a professora, foram definidas duas aulas a serem desenvolvidas com a seguinte proposta:

Aula 1:

- Texto impresso e audição da música Cálice em suas duas versões (Chico Buarque/ Criolo)
- Análise e discussão das músicas
- Reconhecimento dos diferentes tipos de linguagens e seus contextos

Aula 2: Produção final

- Explicação do que é o fanzine
- Disponibilização de material para elaboração do fanzine
- Elaboração do fanzine pelos educandos
- Apresentação e socialização dos fanzines criados pelos educandos

6.3 DESCRIÇÃO DA AULA 1

A sequência didática que teve como dispositivo a releitura da música “Cálice”¹, composta pelo rapper Criolo², apresenta um diálogo poético com a canção original de Chico Buarque de Holanda³, já explícito no título. Portanto sendo imprescindível para a construção de sentidos que se conhecesse a sua versão original realizando uma contextualização histórica onde a primeira, data dos anos 1970 e foi escrita em meio ao Governo Militar; enquanto a segunda é contemporânea, tendo sido bastante divulgada nas redes sociais, no início dos anos 2010. Ambas abordam importantes questões da realidade sociocultural e política brasileira.

Inicialmente foram distribuídos os textos das canções aos educandos e após a leitura coletiva, exibidos os vídeos com as interpretações dos autores⁴ para uma maior percepção da estética musical de cada obra. Comentou-se sobre a atuação dos artistas e a representatividade de cada um no cenário musical brasileiro. A maioria dos jovens já conhecia a versão rap de Criolo e, em relação a Chico Buarque - mais conhecido pelos adultos - disseram que ele era o “cara dos memes”, referindo-se à viralização da imagem do artista nas mídias sociais.

Previamente foram lembrados aspectos sobre a estrutura do texto poético, estrofes e versos, os sentidos denotativo e conotativo das palavras, as variedades linguísticas, algumas figuras de linguagem, como as metáforas que são bastante utilizadas na significação dos textos.

¹ A música *Cálice* foi escrita em 1973 por Chico Buarque e Gilberto Gil, sendo lançada apenas em 1978. Devido ao seu conteúdo de denúncia e crítica social, foi censurada pela ditadura, sendo liberada cinco anos depois. Apesar do desfasamento temporal, Chico gravou a canção com Milton Nascimento no lugar de Gil (que tinha mudado de gravadora) e decidiu incluir no seu álbum homônimo. *Cálice* se tornou num dos mais famosos hinos de resistência ao regime militar. Trata-se de uma canção de protesto que ilustra, através de metáforas e duplos sentidos, a repressão e a violência do governo autoritário. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/musica-calice-de-chico-buarque/>> Acesso em: 6 mai. 2019.

² Kléber Cavalcanti Gomes, nasceu na cidade de São Paulo no dia 5 de setembro de 1975. Criolo trabalhou como vendedor ambulante, vendedor de lojas e também foi professor. Amplia o rap no país com sua temática polêmica e crítica, típica dos cantores de rap. Sua família veio de origem muito humilde do Ceará para tentar a vida em São Paulo. Ele e sua mãe cursaram todo ensino médio juntos até se formarem. Sua mãe escreveu um livro, intitulado de “Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas”, e se tornou professora. Disponível em: <<https://blog.chadefita.com.br/vida-historia-criolo/>> Acesso em: 6 mai.2019.

³ Francisco Buarque de Holanda (Rio de Janeiro, 19 de junho de 1944) é um músico, compositor, dramaturgo e escritor, apontado como um dos grandes nomes da MPB (música popular brasileira). Autor de canções que se opunham ao regime autoritário vigente (como a famosa "Apesar de Você"), foi perseguido pela censura e pela polícia militar, acabando por se exilar em Itália em 1969. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/musica-calice-de-chico-buarque/>> Acesso em: 6 mai. 2019.

⁴ Vídeos das canções disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RzlniinsBeY>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=utJENUg2NJ4>> Acesso em: 21 mai. 2019. Letra disponível no site: <<https://www.letras.mus.br/criolo-doido/1807067/>> Acesso em: 9 abr. 2019.

A atividade realizada teve o seu enfoque na versão de Criolo, baseando-se na problematização da realidade pela participação ativa dos educandos, que se sentiram identificados com a linguagem coloquial e à informalidade próprias do estilo rap, presentes no texto da canção. Essa identificação potencializou as suas inferências nas discussões para a compreensão das ideias que estavam implícitas no texto.

Em seguida, foi solicitado que cada um fizesse uma leitura silenciosa refletindo sobre os contextos em que as canções foram produzidas. Também foram feitas algumas perguntas com o objetivo de despertar as reflexões críticas no decorrer da leitura. Dentre elas: “O que o título da música sugere?” “Qual a realidade retratada no texto?” “Que tipo de linguagem Criolo utiliza em seu texto?” “Comparando as canções, quais são as mudanças e permanências relacionadas à nossa realidade atual?”

Cálice (Chico Buarque / canção original)

<p>Pai, afasta de mim esse cálice Pai, afasta de mim esse cálice Pai, afasta de mim esse cálice De vinho tinto de sangue.</p> <p>Como beber dessa bebida amarga Tragar a dor, engolir a labuta Mesmo calada a boca, resta o peito Silêncio na cidade não se escuta De que me vale ser filho da santa Melhor seria ser filho da outra Outra realidade menos morta Tanta mentira, tanta força bruta.</p> <p>Como é difícil acordar calado Se na calada da noite eu me dano Quero lançar um grito desumano Que é uma maneira de ser escutado Esse silêncio todo me atordoa Atordoado eu permaneço atento Na arquibancada pra a qualquer momento Ver emergir o monstro da lagoa.</p>	<p>De muito gorda a porca já não anda De muito usada a faca já não corta Como é difícil, pai, abrir a porta Essa palavra presa na garganta Esse pileque homérico no mundo De que adianta ter boa vontade Mesmo calado o peito, resta a cuca Dos bêbados do centro da cidade.</p> <p>Talvez o mundo não seja pequeno Nem seja a vida um fato consumado Quero inventar o meu próprio pecado Quero morrer do meu próprio veneno Quero perder de vez tua cabeça Minha cabeça perder teu juízo Quero cheirar fumaça de óleo diesel Me embriagar até que alguém me esqueça.</p>
---	---

Cálice (Criolo/releitura)

<p>Como ir pro trabalho sem levar um tiro Voltar pra casa sem levar um tiro Se às três da matina tem alguém que frita E é capaz de tudo pra manter sua brisa.</p> <p>Os saraus tiveram que invadir os botecos Pois biblioteca não era lugar de poesia Biblioteca tinha que ter silêncio E uma gente que se acha assim muito sabida Há preconceito com o nordestino Há preconceito com o homem negro Há preconceito com o analfabeto Mas não há preconceito se um dos três for rico, pai.</p>	<p>A ditadura segue meu amigo Milton A repressão segue meu amigo Chico Me chamam Criolo e o meu berço é o rap Mas não existe fronteira pra minha poesia, pai.</p> <p>Afasta de mim a biqueira, pai Afasta de mim as biate, pai Afasta de mim a coqueine, pai Pois na quebrada escorre sangue, pai</p> <p>Pai, Afasta de mim a biqueira, pai Afasta de mim as biate, pai Afasta de mim a coqueine, pai Pois na quebrada escorre sangue.</p>
---	---

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/criolo-doido/1807067/>> Acesso em: 9 abr. 2019.

Após essa apresentação para a análise da versão rap de Cálice, os educandos se concentraram no diálogo intertextual já mencionado e no uso metafórico das palavras que receberam novos sentidos, alcançando uma harmonia lírica a partir dos modos de falar da periferia. Para o desenvolvimento da atividade, foi inserida uma numeração à esquerda de cada verso facilitando a sua localização e a fruição dos comentários e impressões de todos.

De início, o título provocou a antecipação do sentido global do texto, com base nos conhecimentos prévios dos educandos, que observaram a aproximação sonora entre as palavras “cálice” (substantivo) e “cale-se” (verbo), que faz uma referência, no primeiro caso, ao martírio de Cristo⁵, no segundo, ao martírio do povo brasileiro e nos dois casos, ao controle do discurso por meio da violência. Essa observação, elucidou a percepção dos educandos em relação à violência sofrida por homens e por determinados grupos sociais, em períodos históricos distintos, que têm suas vozes e direitos silenciados, e que ainda persiste em nossa contemporaneidade.

⁵ Referência ao momento que Jesus apresentou um grande clamor com lágrimas ao Pai (Mateus 26:39). Ali ele estava vivendo os momentos finais antes da prisão onde seria açoitado, humilhado, torturado e finalmente morto. Foi justamente nesse contexto que Ele clamou: “Pai, se possível, afasta de mim este cálice!”.

Na primeira estrofe, nos versos 3 e 4, os educandos disseram que a gíria “frita” significa o vício e o consumo de drogas, enquanto “brisa” relaciona-se com o esforço para manter o efeito da sensação proporcionada por essas substâncias. Comentaram sobre a “boca de fumo”, a esquina onde ficam “os noiado”, sobre o risco atual de serem atingidos por uma “bala perdida” e a sensação de medo e insegurança que essa violência acarreta em seu cotidiano.

Na segunda estrofe dos versos 5,6,7 e 8, sobre a biblioteca da escola um dos educandos comentou:

Eu gosto de ler. Podemos pegar livros na biblioteca, pois, a professora conversou lá e o diretor autorizou. Mas o pessoal aqui só vive no mundinho deles, porque não tem incentivo. Outro dia fui na biblioteca e a primeira coisa que vi foi um aviso enorme escrito “Silêncio”. Eu gosto da cultura da favela, mas também gosto de biografias e de coisas do “primeiro mundo”, então pedi para a bibliotecária me indicar um livro e ela me disse que não gosta de ler. Então porque tá lá então? Tá vendo? Para o governo não interessa investir na educação. (Nicolas)

A fala do educando deixa claro a sua compreensão de que o acesso à leitura e à educação de qualidade é bem mais complexo. É necessário a mudança da percepção que pensa a biblioteca como um lugar de silêncio absoluto, que a leitura e esse espaço - que deve ser de todos - se reserva apenas aos “eruditos”. Envolve também o incentivo à leitura, o investimento em melhores condições de trabalho e a necessidade de se promover políticas públicas direcionadas à EJA que não sejam baseadas na lógica do custo-benefício, que apenas colaboram para propiciar as atenções seletivas em detrimento da verdadeira educação emancipadora.

Em relação ao verso 5, comentou-se sobre os saraus de poesia que acontecem nos “botecos” de muitas periferias, como espaços alternativos do fazer literário, onde os artistas-cidadãos expressam a sua poesia, as suas ideias e as suas reivindicações. Muitos desses poetas fazem parte da população que luta para superar as dificuldades de leitura e escrita e completar o ensino formal. Usam a força da sua oralidade e do saber empírico para dar forma à sua literatura “marginal”. Literatura que tem sido muito apreciada, produzida e divulgada em espaços públicos e nas redes sociais por muitos coletivos artísticos - como os Slams⁶- lançado novos escritores, além de discutida e pesquisada nos espaços acadêmicos.

⁶ A *poetry slam*, também chamada “batalha das letras”, tornou-se, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico no mundo todo, um novo fenômeno de poesia oral em que poetas da periferia abordam criticamente temas como racismo, violência, drogas, entre outros, despertando a plateia para a reflexão, tomada de consciência e atitude política em relação a esses temas. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam->> Acesso em: 16 mai. 2019.

Na terceira estrofe, os versos 9, 10 e 11 que se referem ao preconceito sofrido pelo nordestino, pelo negro e pelo “analfabeto”⁷, alguns educandos comentaram:

A gente que é “de cor” sofre muito preconceito, mas o Pelé, que também é preto, não sofre preconceito porque ele é rico. (Darlan)

Eu sou do Vale⁸ e vim para BH para ajudar na casa de uma família com a promessa de ir para a escola. Eles diziam que eu conversava igual baiano e que de onde eu vinha todo mundo passava fome. Trabalhava feito uma condenada e nunca pude estudar. Quando falei, que ia começar a estudar eles me mandaram embora da casa. É muito ruim ficar sem estudar... a gente é muito humilhado. (Regina)

Todo mundo fala que baiano é preguiçoso e quando não gosta do trabalho fala que é serviço de preto. (Uziel)

Palavras com atributos negativos que frequentemente são associadas e direcionadas a determinados grupos sociais refletem preconceitos de diversas naturezas. Esses preconceitos geram discriminações que dificultam ou inviabilizam a igualdade de condições e de participação social dos sujeitos que pertencem a esses grupos.

Essas expressões cristalizadas em nosso vocabulário, na maioria das vezes, naturalizam atitudes racistas e preconceitos que fazem da língua um mecanismo de segregação cultural. Pois, têm em sua origem a desigualdade sociocultural e a influência da colonização e dos anos de escravidão em nossa cultura, que associa a imagem do negro a tudo aquilo que é feio ou ruim e a imagem do nordestino e do pobre somente à fome e à ignorância.

Esse momento colaborou para que os educandos refletissem sobre as discriminações e os estereótipos que são construídos historicamente, em razão de características sejam elas culturais, sociais, étnicas, econômicas ou linguísticas, reproduzindo ideias equivocadas de hierarquia social para justificar tratamentos ofensivos, injustos ou criminosos.

Na quarta estrofe dos versos 13,14,15 e 16, o autor busca ilustrar uma proximidade e identificação com esses artistas consagrados pela qualidade de suas produções musicais e poéticas. Pois, “apesar de fazer rap”, gênero musical próprio da cultura periférica urbana e que muitas vezes é visto de forma marginalizada, o artista também consegue trazer uma beleza lírica para a canção, apesar de retratar temas tão densos. A sua identificação em relação a eles, também está no fato de saber como é ser perseguido; no seu caso, por ser

⁷ O termo “analfabeto”, “analfabetismo” mostram-se preconceituosos e insuficientes. Estão ligados à uma situação que foi posta. O mais adequado seria dizer “não-alfabetizado”.

⁸ A palavra Vale se refere ao Vale do Jequitinhonha, ao nordeste de Minas Gerais, conhecido pela situação social de vulnerabilidade, pela riqueza do seu artesanato e inspiração para Guimarães Rosa.

pobre, negro e morador de periferia. O artista também expressa por meio da arte, da música e da poesia, um discurso que deixa explícito todo o sistema de desigualdade social do país.

Para finalizar, no refrão que contém os versos 17,18,19 e 20, os educandos se concentraram na interpretação das gírias nos versos. No verso 17, eles disseram que a palavra biqueira se refere à “boca de fumo”, ou seja, o lugar onde se vende as drogas e é controlado pelo tráfico.

No verso 18, em tom de brincadeira e escolhendo palavras no intuito de serem menos explícitos, deduziram que a gíria “biate”, se referia a uma “mulher da vida” ou que é “traíçoeira”, procurando adequar o uso da linguagem de acordo com o espaço, a circunstância e com as pessoas com quem dialogavam. Eles consideraram que, porque estavam em uma sala de aula, dialogando não só com seus colegas de classe, mas também com professoras e colegas mais idosos, deveriam procurar adequar suas palavras e para isso utilizaram-se dos eufemismos. Nesse caso, o mesmo grupo rearranjou a sua fala com um pouco mais de formalidade, de acordo com o contexto e com sua necessidade comunicativa.

Foi compreendido que a palavra “biate” se refere à maneira aportuguesada de se pronunciar a palavra americana “bitch”, cujo significado corresponde a uma mulher maliciosa ou prostituta. Nesse caso, algumas educandas acharam que essa palavra reforçava um estereótipo de gênero, criando uma imagem negativa e generalizada da mulher, desconsiderando as particularidades de cada uma.

Sobre essa questão, Criolo já havia sido questionado em algumas entrevistas sobre o uso de palavras ou expressões consideradas por alguns como ofensivas. O que o levou a modificar a letra de algumas canções. Em uma dessas entrevistas, o artista atenta para o cuidado com o uso das palavras, no intuito de desconstruir estereótipos que reforçam preconceitos e discriminações:

Era ignorância, né? Por falta de conhecimento da minha parte, usei em algumas músicas esses jargões populares, alguns apelidos e palavras que não fazem sentido algum e só magoam as pessoas. (...) Faz uns três anos e meio que eu comecei a perceber esses pontos e a me questionar sobre o que eu estava reforçando com a palavra traveco, por exemplo. Tá marginalizando, colocando um monte de coisa negativa aí. Para! O que eu tô reforçando com isso? Tem várias outras coisas no decorrer do disco que eu já mudei (...) São coisas que demonizam a imagem da mulher e jamais quis fazer isso. (Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com/2016/05/24/criolo-da-licao-de-respeito>> Acesso em: 21 mai. 2019.)

No verso 19, quando leram “coqueine” rapidamente associaram a palavra à droga cocaína, comentaram sobre o crack, que disseram ser extraído do resto desse “pó” e sobre as condições degradantes em que as pessoas que são viciadas nessa droga se encontram:

Na cracolândia, os viciado são tudo internado à força pra ficar escondido. Eles querem tirar eles dali só para limpar o lugar e parecer que tá tudo certo. Tão pouco se “lixando” pra eles, porque é tudo pobre e preto. (Marcos)

Utilizando uma linguagem coloquial, os educandos abordaram temas como, o racismo, a segregação socioespacial⁹, a internação compulsória¹⁰ de dependentes químicos, a restrição de liberdade que ignora as subjetividades daquelas pessoas, quando não as considera como sujeitos de direitos.

Para muitos, a verdadeira finalidade do poder público não é o tratamento da saúde dos usuários e sim, a intenção de limitar os espaços públicos e encobrir os problemas sociais através de medidas rasas e populistas. Aproveitou-se o momento para nomear esses conceitos, buscando ampliar o universo vocabular dos educandos, para uma melhor articulação dos argumentos.

Já no verso 20, “quebrada” é um local com pouca segurança, de difícil acesso e que pode envolver riscos quando visitado. Para eles, esse último verso “*pois na quebrada escorre sangue*”, traz a ideia de silenciamento absoluto, ocasionado pela morte violenta que está sempre à espreita. Por isso o sentido da súplica tão acentuada pelo título, como um pedido de proteção divina diante da sensação de total impotência:

Os ricos vê a gente como se fosse ladrão e a polícia também. (João)

Eu tenho muito medo quando meus filhos fica na rua. Fico preocupada, porque hoje em dia é muita droga, tiro de bandido, de polícia. E só da gente morar na vila, as pessoas já têm preconceito. Por isso eu não sou a favor de liberar as armas, já tá muito violento! Só Deus pra ‘protegê’ a gente! (Pilar)

Na finalização da atividade e com o aprofundamento das discussões sobre o tempo histórico de cada canção, temas como a liberação do porte de armas, a volta do Regime Militar, a violência policial, a censura, o tráfico de drogas e o crescimento da população

⁹ Segregação socioespacial é um conceito que investiga a relação entre as posições que os agrupamentos humanos ocupam no espaço social e sua localização no espaço físico das cidades. O conceito articula os estudos sobre desigualdades socioeconômicas e sua relação com a distribuição das pessoas no espaço urbano.

¹⁰ Internamento compulsivo ou internação compulsória é a prática de utilizar meios ou formas legais como parte de uma lei de saúde mental para internar uma pessoa em um hospital mental, asilo psiquiátrico ou enfermaria mesmo contra a sua vontade ou sob os seus protestos.

evangélica, permearam naturalmente as discussões e o debate de ideias. Pois, como afirma Freire (1997) sobre a leitura crítica:

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele (FREIRE, 1989, p. 12).

No diálogo entre os educandos houve momentos de fala e de exercício de escuta das opiniões de cada um, com algumas divergências que são próprias das argumentações e essenciais para o processo de formação da consciência e do pensamento críticos.

6.4 DESCRIÇÃO DA AULA 2

Como atividade final foi proposto aos educandos a elaboração e confecção de um Fanzine¹¹. Para que o trabalho fosse realizado, antecipei o conceito e apresentei a eles alguns modelos para melhor compreensão do seu formato estético. Necessitou-se de papel sulfite tamanho A4, cola, canetas variadas, tesoura, revistas, régua e grampeador. Todos os recursos necessários foram levados para a sala de aula e distribuídos aos alunos.

A escolha desse suporte, como recurso didático se deu pelo seu caráter autoral, alternativo e de publicação independente como forma de comunicar ideias e expressar sentimentos por meio do alcance de várias linguagens, utilizando materiais acessíveis para criar imagens nos mais variados formatos e sobre os mais diversos assuntos para a comunicação comunitária. Na elaboração, os educandos procuraram relacionar as imagens aos temas abordados na canção e discutidos em sala de aula.

¹¹ Fanzine é uma publicação impressa independente. Quem produz pode expressar suas ideias e pensamentos sem restrições, podendo ser políticas, sociais, literárias, histórias em quadrinho, poesias, e não está vinculada (geralmente) a regras ou normas cultas, muito menos a grandes editoras ou gráficas, podendo ser feito por qualquer pessoa, com produção e distribuição de baixo custo. Disponível em: <<https://clubedolivrodesatolep.wordpress.com>> Acesso em: 08 jun. 2019.

IMAGEM 01 - MODELO DE FANZINE



Fonte: <<http://yancom.com.br/trabalho/fanzine-slam/>>. Acesso em: 16/05/19

IMAGEM 02 - INICIANDO A PRODUÇÃO DOS FANZINES



Fonte: Arquivo pessoal da autora

IMAGEM 03 – PROCESSO DE CRIAÇÃO

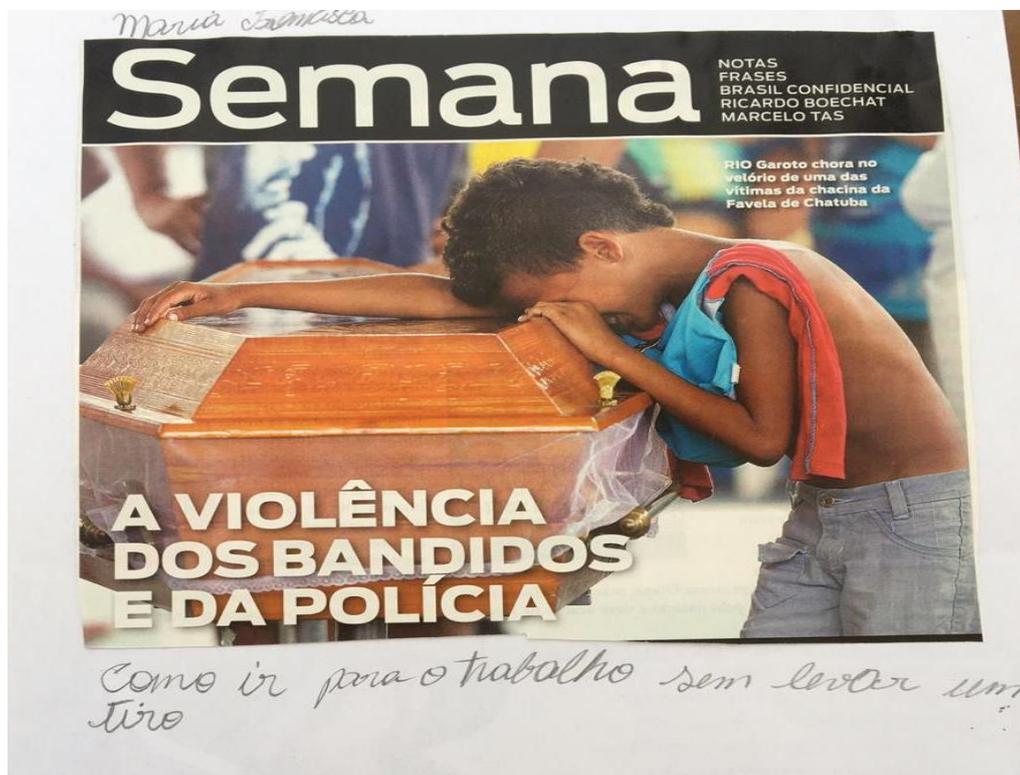


Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os educandos foram muito participativos, trocaram opiniões entre si, se mostraram interessados e envolvidos com a atividade. Os fanzines produzidos se aproximaram mais do estilo de composição da colagem, mas isso não interferiu na intenção proposta. Com os fanzines já produzidos, os trabalhos foram socializados, ocasionando as trocas geracionais de saberes e a aproximação dos educandos entre si e entre eles e as educadoras.

Como informa Magalhães (2005, p. 20), que encontra no fanzine elementos de renovação linguísticas e estéticas “enquanto manifestação espontânea e democrática de grupos, muitas vezes formados por jovens, o fanzine faz ainda a legitimação das linguagens populares, nem sempre percebidas pelos círculos oficiais.”

Imagem 04 – PRODUÇÃO FINAL DE UM DOS EDUCANDOS¹²



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O resultado demonstrou que os educandos, a partir da referência textual da canção, abordaram em seus fanzines, temas diretamente relativos às questões sociais, culturais, políticas e econômicas próprias do nosso tempo histórico. Em tom de desabafo e indignação, característicos da linguagem de protesto, as mensagens ganharam força e intensidade ao retratar pelas imagens explícitas, a violência física e simbólica sofrida pelos moradores da periferia. É como se tivessem urgência em serem vistos e ouvidos.¹²

¹² Todos os fanzines produzidos pelos educandos constam no Anexo deste texto.

7 ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO

Para a realização das atividades, procurou-se considerar as experiências e os conhecimentos prévios dos educandos, valorizando a oralidade e a linguagem coloquial próprias da estética das periferias urbanas. Isso aumentou assim, a identificação dos mesmos com o texto e conseqüentemente, a atuação e o envolvimento satisfatório nas atividades, que se mostraram adequadas para as discussões, na intenção de diversificar a rotina das aulas constantemente expositivas e de linguagem uniforme.

Portanto, considerando-se os objetivos propostos, o Plano de Ação oportunizou aos educandos uma abordagem autônoma para retratar o seu cotidiano, onde a fala se transformou em espaço de sentido social e cultural, como manifestação da sua identidade individual e coletiva para denunciar a violação de direitos, estereótipos ou preconceitos direcionados a eles ou à estética cultural do grupo social da qual fazem parte.

Na comparação que realizaram entre as duas versões da canção, os educandos perceberam a diferença entre as linguagens textuais - culta e popular - em um mesmo gênero literário (poema/música), e entre os grupos sociais representados por cada artista nas canções, procurando se localizarem dentro dos temas estudados. As aulas foram potencializadas pelo acesso pontual às redes sociais, em sala de aula, para visualização dos vídeos, e evidenciadas nos comentários dos educandos, que utilizaram palavras e expressões próprias da linguagem digital, para se referirem aos artistas, ver modelos de fanzines e as produções locais e independentes, individuais e coletivas, bastante vinculadas à literatura das periferias.

A reflexão a partir dessa leitura sociocrítica, referente a tempos históricos distintos, permitiram aos educandos aprofundar as noções de permanência e mudança, semelhanças e diferenças, para situar-se no tempo presente como sujeito e cidadão, tendo consciência das suas necessidades, mas também, das suas potencialidades, para atuar no sentido de transformar a sua realidade. Eles compreenderam ainda, que mesmo um texto poético pode ser um importante recurso para problematizar momentos históricos e que existem outras fontes e vozes além dos documentos oficiais, que também contam e fazem a História.

Portanto, oportunizou a eles um papel dinâmico de atuação na rede de significação do texto, tendo a sala de aula como um espaço de formação sociocultural e de diálogo para o exercício da cidadania, colaborando para ampliar a noção de coletivo e para estreitar as relações entre colegas e professores.

Nessa perspectiva, "o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para garantir a participação social efetiva, pois é acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola

tem a responsabilidade de assegurar a todos os seus alunos o acesso a saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos". (PCN, p. 15).

Sendo assim, o maior resultado obtido com esse Plano de Ação foi colaborar para que esses educandos se sentissem atuantes e pertencentes ao "mundo letrado", desconstruindo a ideia eurocêntrica e hierarquizada do conceito de cultura. Além da oportunidade para a reinterpretação e a ressignificação das suas trajetórias, a partir da compreensão da origem sócio-histórica das desigualdades sociais, culturais e econômicas que se baseiam na lógica da exclusão e das discriminações que eles vivenciam cotidianamente.

É importante destacar que alguns enunciados transcritos nos fanzines apresentaram alguns "erros" de concordância ou gramaticais porém, foram mantidos em sua forma original, por serem considerados provisórios e para posteriormente serem retomados em aulas que tenham o seu enfoque na escrita. A partir das atividades e dos dados obtidos, e principalmente pela reação positiva dos educandos no envolvimento com as atividades, a professora de Português e Literatura, mostrou-se muito interessada em diversificar suas aulas e em planejar um projeto literário com a EJA, usufruindo coletivamente dos aprendizados.

Esse projeto inclui a continuidade de atividades pedagógicas que proporcionem um maior entrosamento dos educandos com a comunidade escolar, para a construção de novas formas de relacionamento entre a escola e os moradores do seu entorno. Dentre elas estão a realização de um sarau e a exposição de textos produzidos pelos educandos no transporte público do bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo é resultado de uma observação comprometida com uma educação que pensa a linguagem – que também nos constitui – como um caminho para o diálogo, em que a articulação dos diversos saberes possa transformar diferenças em potência e não em desigualdades e injustiças. Por essa razão, desde o início, houve um compromisso com a postura ética na realização das práticas pedagógicas. A escolha do círculo para a realização da roda de conversa foi simbólica para indicar a importância do fazer coletivo.

O diálogo com os educandos da EJA é o diálogo com aqueles que são marginalizados, mas, que por meio da sua cultura, são capazes de mostrar outros sentidos sobre a nossa realidade, pois é próprio deles encontrar alternativas diante de tantas adversidades.

Uma dessas alternativas é a literatura que vem da periferia. Ela é pedagógica, se importa em influenciar, em dar exemplo, alertar, corrigir, animar e estender as mãos. É amiga dos educadores quando se preocupa tanto em conscientizar suas crianças e jovens e em resgatar “os irmãos”. Ela também faz denúncias e críticas sociais como fizeram tantos outros escritores renomados. Mas ela é “marginal”. Tem uma moral sobre ela. Tem uma moral sobre a maneira como raciocinamos. Uma moral que levanta muros simbólicos e delimita espaços, que cala vozes com violência simbólica, que hierarquiza direitos e afetos por meio da linguagem simbólica colonizada.

Já a linguagem simbólica da periferia, desses educandos, vem da sua identidade. Ela é circular e coletiva, composta por metáforas e tem nas gírias, expressões de um campo semântico que os constituem. Talvez seja por isso que as imagens dos fanzines produzidos por eles, parecem protestar em coro por meio de uma linguagem que não se dissocia da prática social. Pois, a palavra também tem história, varia no tempo, no espaço e nas diferentes classes sociais, é política e faz alianças discursivas para atuar coletivamente. Talvez seja por isso que a palavra povo seja tão disputada.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. UNESCO. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO; MMEC; RAAAB, 2005.

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. p 47-63.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: SANTOS, A. (Org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2005. p. 15-53.

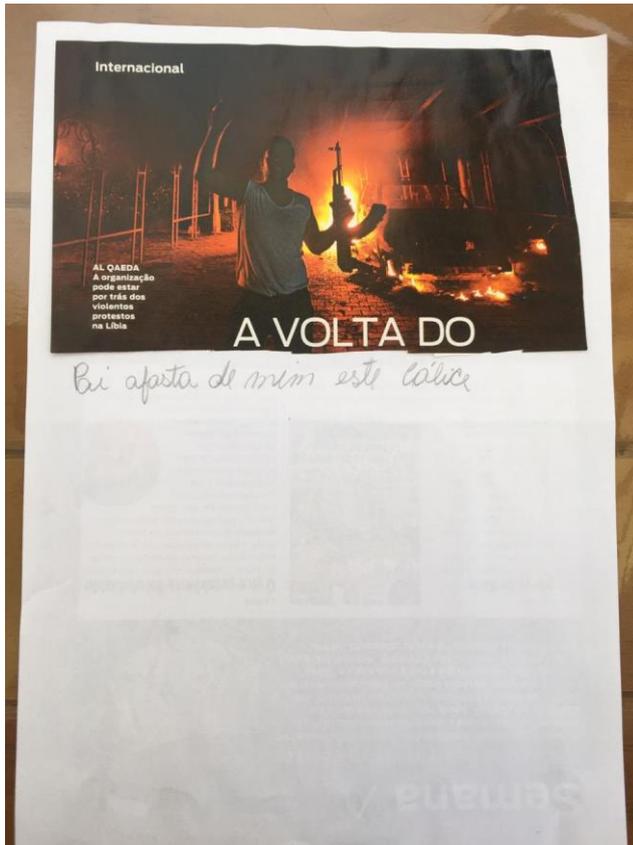
MAGALHÃES, Henrique. **A mutação radical dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

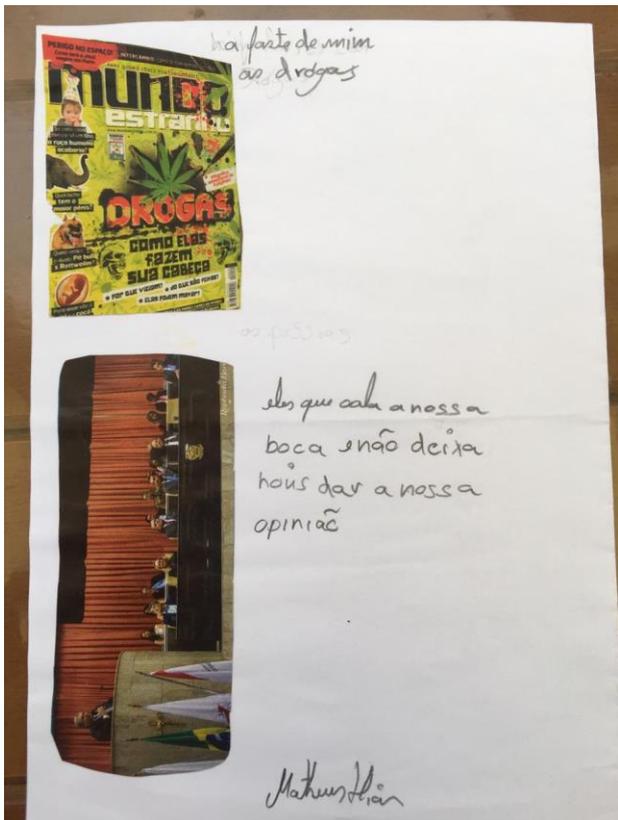
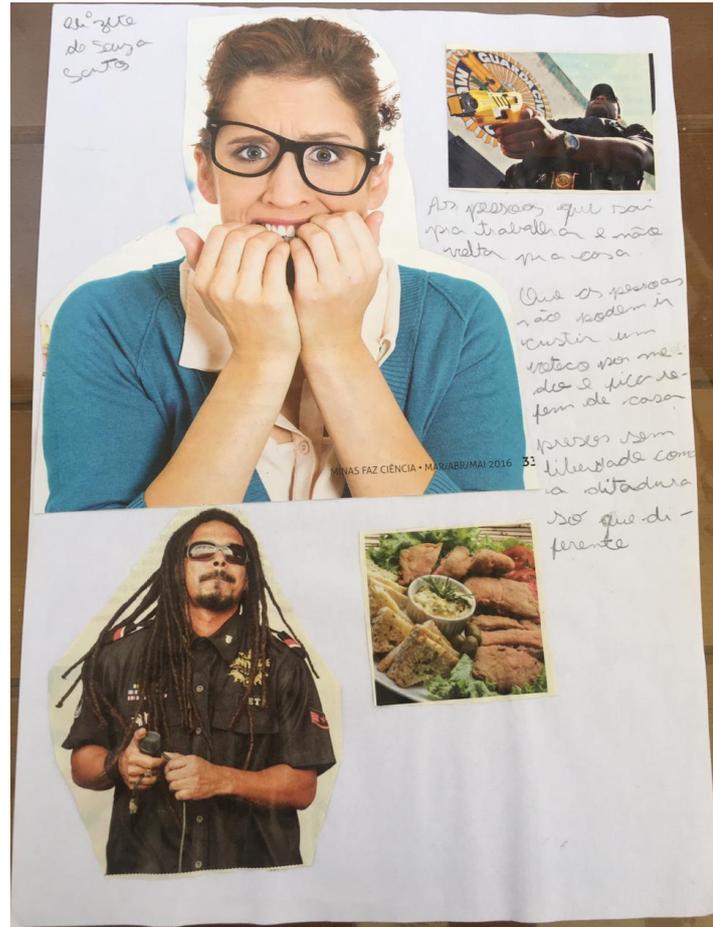
PINEAU, Gaston ; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRRN, 2012.

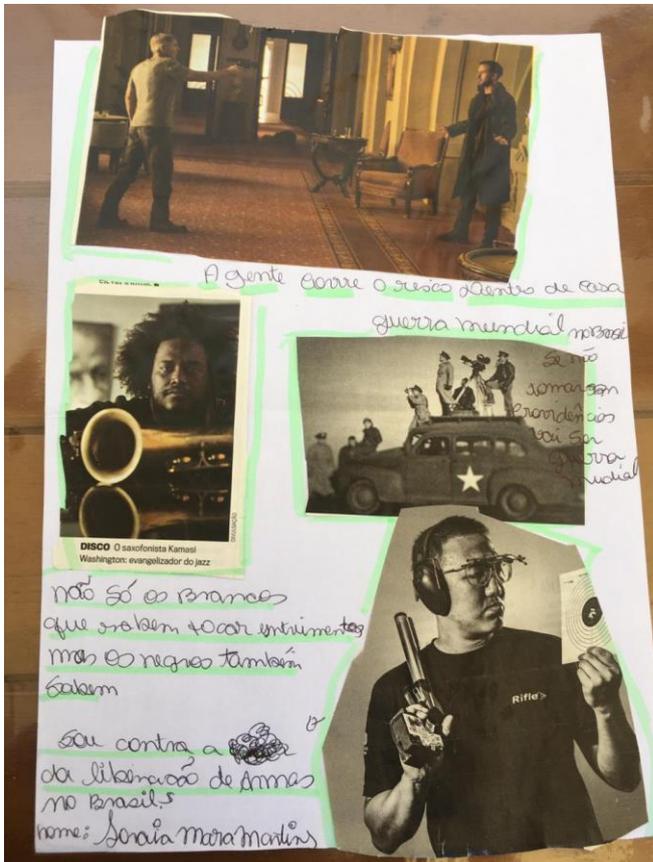
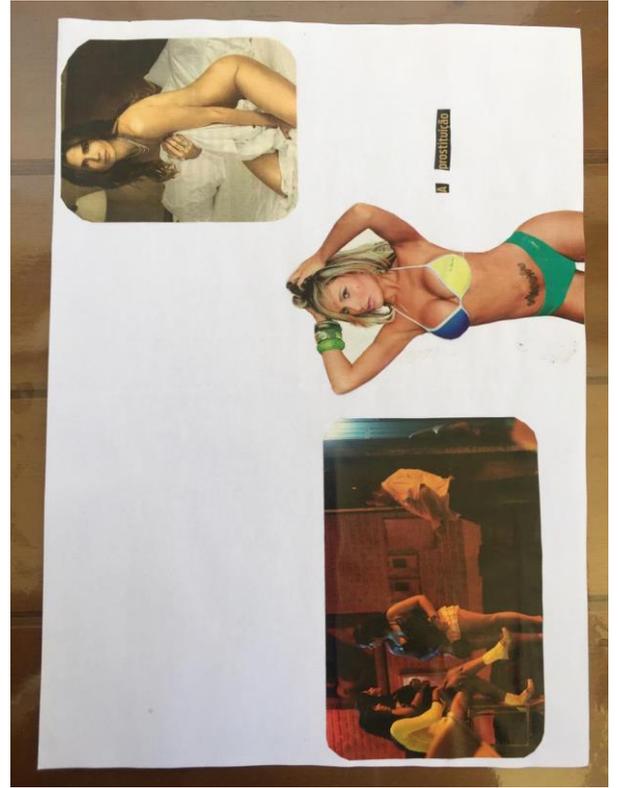
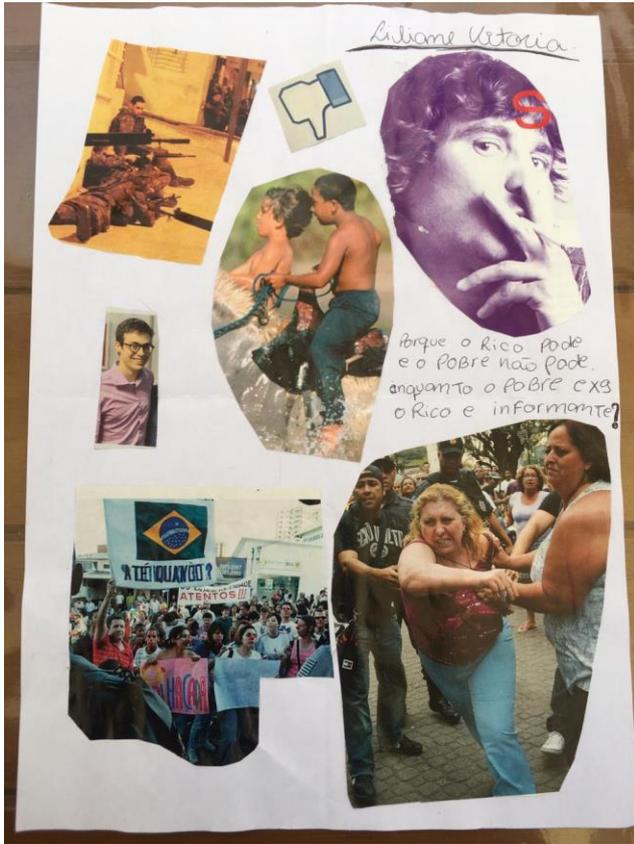
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: Ensino de primeira a quarta série. v. 1**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 20/11/19

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANEXOS







Comportamento

Com quem peleia



OS preconceito amarelado se nas face pobre

Uma b.
Pelo menos se desculpa por o que a ele. A info na semana pass.

MENINO que fode: SER SILENCIOSO lugar de Poeta: NUNCA SABIA

ADITADURA militar NO MUNDO que não foda não. Fica contra governo

EM COSTA

EM ESTAGIO